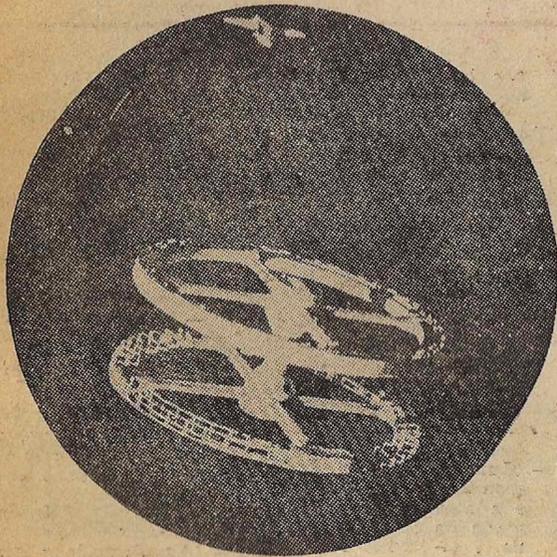


«2001: ODISSEIA NO ESPAÇO»



FERNANDO ASSIS PACHECO

JORNALISTA

O mais curioso de «2001: odisseia no espaço» é que tudo aquilo, segundo se lê num outro autor de ficção científica, pode muito bem ter-se passado dentro dum joelho. Depois, hesito em aderir à carga metafísica deste novo filme

de Stanley Kubrick. Ponho-me a olhar o meu cão. «Estás cheio de metafísica, Chico!». E ele abana a cauda. Faltou, pois, um cão na viagem a Júpiter. Ou qualquer coisa mais. Por exemplo: cinema. Et j'en passe.

DAVID LOPES

DIRIGENTE CINECLUBISTA

«2001: Odisseia no Espaço»: o novo filme de Stanley Kubrick, estreado em Lisboa antes de ser exibido noutras capitais da Europa, levanta polémica em numerosos países. Ficção científica ou filme de tese? Metafísico ou materialista? Humanista ou reaccionário? Alguns jornalistas e dirigentes de cineclubes de Lisboa dão hoje, também, a sua opinião a «Magazine».

ra lá de Júpiter». Perdemos-nos no cosmos e nos requintes coloridos a fazerem-nos pequeninos. Angustiamos-nos quando o nosso semelhante boiava num azul com pintinhas do tamanho de sóis.

Um bocadinho **farto de metafísica**. Fatura que sinto à mais pequenina dose que me queiram servir. Então assim, em paralelepípedos alongados e omnipresentes, além de dispensar, acho de mau gosto.

Já que estamos no mau gosto, senti um certo encantamento. Houve momentos de **empatia estética**. «2001» tem bocadinhos lindos mas é uma pena. Melhor: «tenho» uma pena da sua irregular qualidade. O Danúbio

Para não me alargar: que trouxe de «2001»? Trouxe muita coisa, mas quero que fique comigo o **nascimento do homem**. Aquelê osso descoberto instrumento do homem, que nasce com a descoberta, é do mais lindo que tenho visto. (E quando voa instrumento osso a transformar-se instrumento interplanetário, na transformação do homem!). Trouxe, também, o facto que fecha o filme. O homem a nascer, a ser vida, a transformar e a transformar-se a cada momento.

La acabar e lembrei-me de Spartacus. De que o cinema pode ser um meio de enorme importância no caminho

É um filme que lança para o espectador vários problemas sobre a trajectória do homem através dos tempos, o seu estar no mundo, e interessa, principalmente, discuti-lo e revê-lo para se tirarem

conclusões de algumas dúvidas que suscita.

Considero muito importante esta última obra de Kubrick, mesmo atendendo às dúvidas ou limitações que se lhe possam apontar.

MANUEL DE AZEVEDO

JORNALISTA

Já tanta gente se debruçou sobre o «2001 — Odisseia no Espaço», de Kubrick, que me sinto perplexo, e a mais, neste cortejo interminável de críticas, ensaios, teses, achegas, contraditas e por aí fora.

Perplexo porque acho o filme apenas com os méritos e defeitos que

revela imaginação e inegável habilidade em obter certos efeitos. Mas denuncia, igualmente, os «artifícios de feira», o «falar difícil» (para criar os símbolos vagos, ambíguos e falsamente profundos) que muitas vezes escondem a incapacidade para falar claro e com simplicidade. Vagar no espaço ao som do «Danúbio

aderir à carga metafísica deste novo filme

mais. Para o cinema. Et j'en passe.

DAVID LOPES

DIRIGENTE CINECLUBISTA

O filme de Kubrick «2001: odisseia no espaço» é na realidade uma obra singular e avassaladora. Tornou-se mesmo uma moda ir vê-lo e discuti-lo. Há muito tempo já que, entre nós, um filme não provocava uma controvérsia tão grande na tentativa da sua interpretação conheço, já uma boa meia dúzia de propostas de interpretação, pois tenho discutido «2001», viva e apaixonadamente, com muita gente. Através da trama flexível do filme, carregada de um simbolismo que por vezes roça deliberadamente a ambiguidade, encontramos pelo menos um ponto em que estamos todos de acordo: «2001» constitui uma exaltação da condição histórica inextinguível do homem — a sua conquista progressiva de um universo sempre ilimitado, cujo conhecimento se processa através de múltiplas e inesgotáveis formas da matéria. Contudo, as divergências surgem justamente quando se pretende constatar, ou não, a legitimidade

dos pontos de vista que Kubrick nos propõe.

Digamos desde já que apelidar «2001» de filme de «antecipação» ou de «previsão» científica me parece trivial. Todos os conceitos tecnológico-científicos expostos no filme de Kubrick — mesmo o computador Hal 9000, apesar do seu comportamento extraordinário e dificilmente concebível — são neste momento uma realidade dentro das actuais possibilidades da prática e do conhecimento da humanidade. Consideramos antes «2001» — e a entrevista concedida pelo seu autor a determinada revista americana não deixa margem para dúvidas — como uma especulação e uma meditação sobre o sentido da vida superior no universo. Creio ser esta uma das preocupações fundamentais de Kubrick. O filme é pois construído segundo um esquema, simultaneamente didáctico e simbólico, o que obriga o espectador a fazer um esforço

(Continua na 15.ª página)

SÉRGIO RIBEIRO

ECONOMISTA

Deixei o lugar na plateia cheio de infinito. E de metafísica. E com um «certo» encantamento estético.

No café Monumental, enquanto bebericava umas cervejas, tomei três ou quatro notas. Umas cervejas e

um bife pois regressava ao «reino da necessidade»...

Transformemos as notas e o que trouxemos do cinema em depoimento.

Cheio de infinito. Não bastava os 70 mm. Fomos a «Júpiter e pa-

Houve momentos de empatia estética. «2001» tem bocados lindos mas é uma pena. Melhor: «tenho» uma pena da sua irregular qualidade. O Danúbio Azul, por exemplo. Não consigo dissociá-lo de um combate de boxe ou de bailado corrido ao longo de salas de grandes lustres ou de sociedades de recreio.

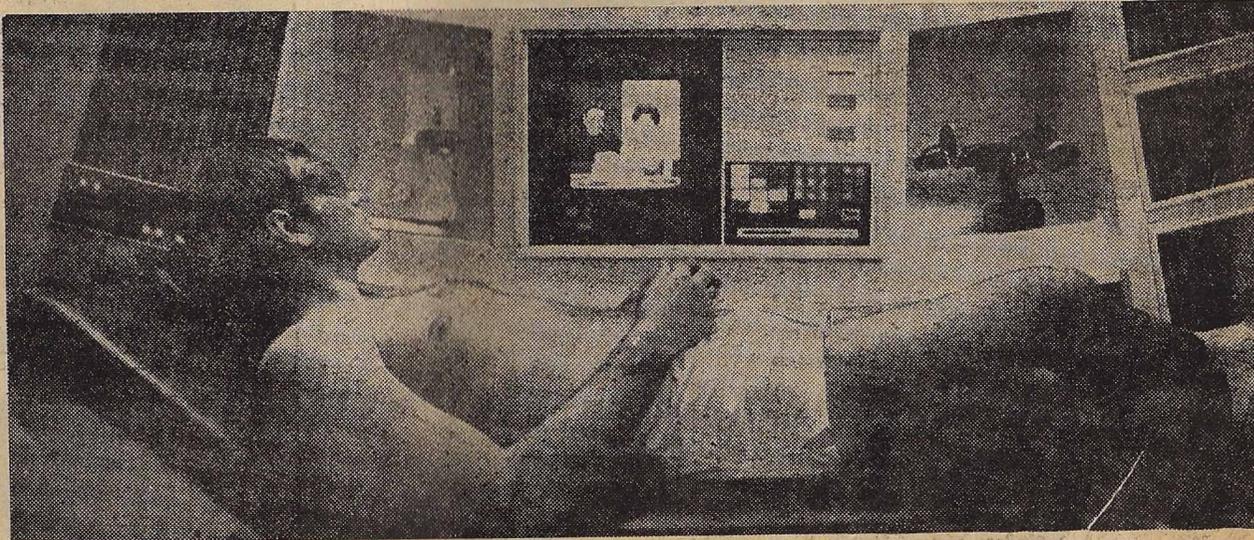
RAUL BOAVENTURA

DIRIGENTE CINECLUBISTA

Para além do rigor como filme de antecipação, a película de Stanley Kubrick põe em equação a possibili-

da acabar e lembrei-me de Spartacus. De que o cinema pode ser um meio de enorme importância no caminho do homem. De que, de qualquer modo, com todas as metafísicas, com toda a masturbaçãozinha esteta, «2001» fala muito de nós.

O monolito negro que parece já ter levantado grande controvérsia, apresenta-se-me como uma alego-



2001: a família em moldes diferentes

bilidade, sempre crescente, do progresso humano, criticando ao mesmo tempo a tecnocracia. Creio ser este o seu aspecto mais importante.

ria expressa pelo realizador, personificando aquilo que o homem desconhece e que pretende possuir, conhecer, ou seja: ultrapassar o desconhecido.

O medo é uma das vias de passagem do desconhecido ao conhecido, da irresponsabilidade à responsabilidade, da apatia à acção. O macaco que, numa das cenas do «2001», avançou incons-

vivamente. Prestou-lhes um serviço. Não consigo achá-lo ridículo. Os astronautas que, no mesmo filme, confiavam em Hal (o computador) e com ele

(Continua na 15.ª página)

contraditas e por aí fora.

Perplexo porque acho o filme apenas com os méritos e defeitos que evidencia à superfície. A mais, porque não desdortino a terceira dimensão que justificaria o tal largo debate que, apesar de tudo, se está fazendo.

«2001» tem qualidade técnica e plástica;

samente profundos) que muitas vezes escondem a incapacidade para falar claro e com simplicidade. Vagar no espaço ao som do «Danúbio Azul» é um achado para a apoteose de revista (bonito!, bonito!). Colocar uma laje negra com luzinhas, focos encandeantes e cantochão é conversa de bruxo, em que não pretendo entrar.

JOÃO MARTINS PEREIRA

DIRIGENTE CINECLUBISTA

Quem tem medo dos computadores? Acho que não devemos sentir-nos ridículos ao levantar o

cientemente para outro que empunhava um osso e com ele foi prostrado, ensinou o medo aos sobre-

«2001: ODISSEIA NO ESPAÇO»

DAVID LOPES

(Continuação da 5.ª página)

mental fora do comum para o compreender. Façamos, por exemplo, de um dos maiores pontos de discussão de «2001»: a laje negra que o homem, desde a sua longínqua origem, persegue até ao infinito. É em torno da determinação do significado do filme de Kubrick, que surgem as mais diferentes especulações. Ora se é possível atribuir-lhe um valor simbólico, na medida em que podemos admitir a existência da laje como uma meta, sempre inatingível pelo homem, no seu caminho em direcção a um conhecimento ilimitado do universo e da matéria, a verdade é que a laje figura na narrativa de «2001» como o testemunho inequívoco da presença de uma forma de vida superior extraterrestre. Kubrick, ao especular sobre a existência de outras formas de vida superior, coloca o sentido da evolução do homem num contexto universal total: o homem terá de forçar a sua aparente condição de isolamento no universo e procurar o contacto com a vida superior de outros sistemas. Este será o sentido último do seu destino, o que já Ivan Efrimov queria dizer no seu excepcional conto «Cor Serpentina».

Dentro deste significado é admissível o encontro da raça, que viria a ser a humana, com a laje colocada na terra por seres extraterrestres. Acho que será forçado tomarmos à letra a situação criada por Kubrick, dizendo que a evolução da espécie humana foi determinada por uma forma de vida muito superior, vinda de qualquer ponto da galáxia. Será esquemático admitirmos que a intenção de Kubrick foi dizer-nos isso. A especulação de Kubrick deve ser entendida a um nível simbólico de uma probabilidade possível. E se a evolução da espécie humana como forma superior da vida, foi um acidente dentro da causalidade das leis naturais, é também, absolutamente improvável que ela seja a única do universo. Por isso pouco importa salientar, de maneira depreciativa, que os seres primitivos de «2001» tenham descoberto, só por contactarem com a laje extraterrestre, o sentido da verticalidade e a capacidade manual de dominarem um objecto — neste caso um osso — como instrumento. Importa sim é perceber o carácter simbólico de que tal acto vem carregado em «2001», porque o homem — ou qualquer ser de outro sistema — teve a possibilidade de domínio do universo no dia em que descobriu o prolongamento do seu braço, isto é, no dia em que armou a sua mão de um instrumento capaz de produzir trabalho.

Porém o optimismo de «2001» é dominado por uma sombra inquietante, no que reside para mim

o carácter polémico da obra de Kubrick. Em que medida o homem estará em condições de usufruir as possibilidades, e a da vez mais extraordinárias, de domínio da natureza, que a sua tecnologia avançadíssima permite, se, ao mesmo tempo, não estiver social e eticamente preparado para tal? Se assim não for como poderemos então avaliar o estranho comportamento do fantástico computador Hal 9000, ao qual se procurou dar uma «sensibilidade» construída à imagem e semelhança do homem? De novo o símbolo surge com todas as implicações possíveis. Para além da hipótese de ter ou não havido um erro técnico num circuito do computador, ou um erro de programação — ao ser detectada a avaria na antena da nave — o que conta é

a reacção «psíquica» da máquina cibernética cujos «sentimentos foram programados à imagem dos sentimentos humanos. É o «orgulho» e o «rancor» de Hal 9000 que o leva à perturbação que destruirá quatro dos tripulantes da nave. Mas poderia qualquer máquina cibernética destruir, sem ser programada para tal? A máquina nunca dominará o homem. Simplesmente, e aí está o aviso, as conquistas da tecnologia jamais se virarão contra o proveito do homem se ele souber superar, de uma vez para sempre, as contradições do seu meio social. Apesar do espectro de uma destruição planetária, que tanto atormenta Kubrick, o homem está precisamente no limiar de um futuro fabuloso. Eu creio que o homem será obrigado a optar por esse futuro. E Kubrick também.

DAVID LOPES

JOÃO MARTINS PEREIRA

(Continuação da 5.ª página)

dialogavam em tom bonacheirão ou lhe entregavam o controle das suas funções vitais, não tiveram melhor sorte que a do macaco pré-histórico. Eles ensinam-nos o medo dos computadores. Aliás o problema está mal enunciado: os macacos sobre-

viventes não terão passado a ter medo dos ossos, mas de outros macacos armados de ossos; também aquilo de que urge ter medo não é dos computadores, mas de homens armados de computadores. Foram homens que programaram Hal para «perceber que tinha sentimentos». E esses homens sa-

biam que Hal sózinho conseguiria, apesar de tudo, levar a nave ao seu destino, enquanto que os tripulantes, sem Hal, dificilmente poderiam cumprir a sua missão. Mais ainda: porque insistir em não compreender que, no que diz respeito às relações homem-máquina, ou homem-técnica, os computadores (tal como a energia nuclear) trazem uma mudança que não pode ser expressa unicamente em termos de velocidade de execução, produtividade ou número de homens para um trabalho equivalente (ou megatoneladas de TNT)? A mudança é natureza, não de quantidade: não há «trabalho equivalente», o computador pode executar trabalhos que nenhum homem seria capaz de realizar, assim como as armas nucleares podem produzir o que nenhum exército alguma vez teve ao seu alcance — a destruição da espécie. Aí reside o poder, de que é legítimo recear, daqueles que controlam esses novos instrumentos e técnicas. Os milhões de seres humanos que estão à mercê dos detentores desse imenso poder não dispõem, por ora, de outra alternativa que não seja a ignorância ou o medo. E o medo não é, necessariamente, paralisante; pode ser construtivo. Só a partir dele é ainda imaginável que sal-

go» suceda, que permita no século XXI continuar a falar-se de sociedades humanas, o que não quer dizer sociedades sem computadores nem energia nuclear...

Não será por acaso que, nos seus últimos filmes, Kubrick tratou sucessivamente, ainda que por processos diferentes (num caso a farsa, noutro o mais frio realismo) de suscitar a inquietação em relação às armas nucleares — em «Dr. Strange-

love», que infelizmente Portugal ainda não viu — e aos computadores. Dir-me-ão que o filme «2001» é muito mais do que isto. Mesmo que assim seja, e para além de especulações metafísicas que considero marginais, este aspecto não é por certo o menos importante. Mesmo para nós, que parecemos ainda tão longe destes perigos...

JOÃO MARTINS PEREIRA

JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

JORNALISTA

«2001: Odisseia no Espaço» é, a um tempo só, um filme sedutor e inquietante e dos mais reaccionários que me tem sido dado ver nos últimos tempos. E dos mais pessimistas também. Sedutor e inquietante parece-me estar fora de dúvida que o seja — sedutor pelo fascínio de súbito nos vemos projectados no futuro, a bordo de cápsulas espaciais que nos levam sucessivamente até uma estação situada num satélite artificial, até à Lua e, enfim, a caminho de Júpiter, pela mão sábia e talentosa de Stanley Kubrick; inquietante por esse clima onde o espantoso progresso científico e técnico parece andar de par com uma crescente desumanização.

Mas, porque estes dois aspectos serão os menos contestados, atemo-nos aos outros dois — ou ao terceiro, que o reaccionarismo e o pessimismo da obra se imbricam de tal forma que fazem um corpo só. Pois bem — e em breves palavras que com mais não se compadece um depoimento necessariamente breve como este —, o que vemos nós?

Os simios de há milhões de anos acordam uma manhã perante o mistério indecassável de uma laje lisa e negra; o Homem que alcançou a Lua e caminha para Júpiter, com procuradas semelhanças físicas com os macacos de outras eras, envelhecendo, morrendo numa cama, fica posto perante o mesmo mistério — a laje, ou a essência da vida, ou Deus, ou o que queiram. Depois, há um ovo ou uma criança (mais batota em que a este nível o filme é fértil) mas qual será o seu destino se não o mesmo? Macacos ou homens conquistando o espaço e che-

gando a outros planetas — na hora da verdade, da morte, o homem fica a parecer-se com os simios e confrontado com a mesma transcendência, com o mesmo mistério que não consegue (nem conseguirá jamais) desvendar...

Por outro lado, o que faz Hal, esse supercomputador construído pela ciência e pelo engenho do homem? Assassina os três sábios em hibernação, e atira, ou deixa ir, pela borda fora os outros dois tripulantes da nave. Ora, que sabemos — até por força da reportagem sobre o ano 2000 que tive nos últimos tempos — o mesmo mistério que não conseguimos informar quanto possível sobre o tema — nada autoriza tal previsão; e se a autorizasse, é claro que o melhor era o homem não construir mais computadores, nem se preocupar com essas coisas do espaço, e ficar por cá a beber só uns copos e a esquecer umas coisas com pena de pato — que isso do progresso é o diabo, sabe-se lá o que vai dar, cruzes canhoto.

Ora este pessimismo (para não lhe chamar outra coisa) é perfeitamente sobreponível ao carácter reaccionário da película, como um optimismo de cartilha o seria a um infantilismo mais ou menos de esquerda. Portanto, com o esquematismo a que uma resposta como esta obriga, se me dão licença, eu repito que considero «2001: Odisseia no Espaço» como um dos filmes mais reaccionários que me tem sido dado ver nos últimos anos. E se me não dão licença — porque Kubrick sempre foi iconformista, realizou o «Roubão no hipódromo» e etc., e os «Cahiers» disseram que, etc. e etc. — eu repito-o na mesma...

HORÓSCOPO

(Continuação da 13.ª página)

SAGGITARIUS

(22 de Novembro a 21 de Dezembro)



AMOR — A semana que se apresenta será d'itosa. Reinará uma atmosfera sadia no ambiente familiar. Também no círculo das suas amizades e junto da pessoa amada gozará deste bom aspecto.

DINHEIRO — Está em presença de um período feliz para tratar de aumentar os seus bens, e, consequentemente, a melhorar a sua situação económica. Não deixe escapar esta oportunidade, pois nem sempre tem a sorte ao seu alcance.

PROFISSÃO — Todos os seus assuntos profissionais, incluindo os negócios, se os tiver, serão efectivos num ritmo vagaroso, mas seguro. As viagens que tiver necessidade de efectuar em missão profissional permitem-lhe obter resultados satisfatórios. Com o tu do, um dissabor espreita-

SAÚDE — Nada de anormal há a temer. Contudo, não se ex-

ponha a correntes de ar e agasalhe-se convenientemente.

CAPRICORNUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)



AMOR — A sua vida amorosa e as relações no círculo das suas amizades deverão decorrer num ambiente calmo. Entretanto, convém agir com discreção ante certas pessoas da sua convivência.

DINHEIRO — Fracos proventos, eis o que lhe reserva o período semanal. Não haverá razão para tristezas se não despendere grandes quantias, nem fizer despesas que não sejam absolutamente imperiosas.

PROFISSÃO — Boa ocasião para dar início aos novos empreendimentos, quer estes se relacionem com a sua actividade profissional normal quer em ocupações extras. Tome uma decisão de maior amplitude e cogna-seguirá benefici-

SAÚDE — Qualquer acção cimen to fora do vulgar pode, nes-

ta ocasião, causar-lhe perturbações nervosas.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)



AMOR — As perspectivas sentimentais para a semana que agora se inicia são boas. Tempo benéfico aos acordos e conquistas amorosas. O clima nas suas relações de amizade é de franca melhoria. No ambiente familiar tudo se conjugará sob um aspecto ameno e compreensivo.

DINHEIRO — Aproximam-se boas oportunidades. No entanto não dê largas aos seus desejos. Cuidado com as solicitações de dinheiro que possam surgir neste momento.

PROFISSÃO — Está em face de um bom aspecto para dar desenvolvimento aos seus negócios, outros e empreendi mentos, etc. O essencial é não descurar os seus interesses e dedicar-se, com afinco ao trabalho.

SAÚDE — O seu estado de saúde durante este período dependerá muito da sua disposição.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)



AMOR — A semana é auspiciosa à vida activa. É oportuno pôr em prática os seus empreendimentos relacionados com a vida do lar e tratar dos seus problemas sentimentais. Das amizades retirará muita alegria e prazer.

DINHEIRO — Possibilidades de surgirem interesses monetários com que não contava. Gaste simplesmente por questão de necessidade e não por uma satisfação de capricho.

PROFISSÃO — No domínio profissional pode introduzir quaisquer modificações que achar convenientes, mas sem abandonar o lugar que presente mente desempenha. O período favorece qualquer empreendimento, mesmo que sejam coisas de vulto.

SAÚDE — As suas condições de saúde durante o presente período são boas e destruirá de boa disposição. Altura favorável para fazer depuração do organismo.

HORUS
RAUL LOURENÇO LARA
QUIRO-ASTROLOGO

Tem problemas na vida?!

Precisa fazer uma VIAGEM, um NEGÓCIO IMPOR. TANTE? Tenciona dar uma nova orientação à sua VIDA PROFISIONAL? Pretende formar uma SOCIEDADE comercial? Quer saber se os seus PROJECTOS PARA O FUTURO serão bem sucedidos? Como evoluirá a sua vida SENTIMENTAL e Familiar?

A resposta para estas perguntas podem ser-lhe dadas por «HORUS» — todos os dias úteis, das 10 às 12 e das 14 às 19 H.

Av.ª João XXI, 3-2.ª Frente (Junto à Praça do Areeiro) — Telef. 72 41 62 — LISBOA.